



**DEBATES NA IMPRENSA OPERÁRIA EM TORNO DOS TEMAS  
'RAÇA' E 'RACISMO' NO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES  
NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA**

*Rogério Nascimento<sup>1</sup>*

Os temas 'raça' e 'racismo' tomaram, de alguns anos para cá, destaque em alguns segmentos intelectuais enquanto concepções definitivas nas reflexões sobre a sociedade brasileira. Esta disposição está em fina sintonia com tendências governamentais dirigidas para setores populacionais específicos. Neste sentido temos visto o estabelecimento crescente das chamadas 'ações afirmativas' por parte do governo central. Com o argumento de instaurar pretensas políticas compensatórias diante de séculos de injustiça social sobre diversos estratos da sociedade brasileira, as 'cotas' e as 'discriminações positivas' têm caracterizado neste quesito, significativamente, os últimos governos.

Considerável parcela da atenção e das energias dos governantes tem sido direcionada a segmentos particulares da sociedade brasileira como homossexuais, mulheres, pobres, deficientes físicos e, sobretudo, à população negra e 'indígena'. Diversas medidas legais vêm sendo implementadas em diferentes dimensões da vida social brasileira tanto a nível nacional como estadual: reservas de vagas em universidades para os chamados 'afro-descendentes' e 'indígenas', percentagens de vagas de empregos públicos para deficientes físicos, percentual de candidaturas a cargos políticos dirigidos às mulheres, afora os vários programas de assistência social destinados às camadas economicamente mais desfavorecidas.

O ponto de vista raciológico tem acompanhado, ainda que com intensidades diferentes, as vicissitudes do Brasil republicano. Com diferentes modalidades, esta perspectiva tem sido conservada, atravessando diversos momentos históricos. Intelectuais acadêmicos e o conjunto da sociedade brasileira tem se valido de uma abordagem detida na idéia de 'raças' para pensar o Brasil. A inauguração da democracia no Brasil impunha à intelectualidade tupiniquim o desafio

---

<sup>1</sup> Professor de Antropologia na UFCG, campus Campina Grande.



de elaborar reflexões sedimentando elementos sobre uma melhor definição dos fundamentos da brasilidade mais adequada aos novos tempos de democracia<sup>2</sup>.

Este desafio foi enfrentado por intelectuais ligados a diferentes segmentos da elite dirigente do país. No início da república havia uma empolgação bem mais explícita sobre a primazia da perspectiva biológica no estudo e na explicação da sociedade brasileira. Imprimindo suas marcas e características pessoais, estes intelectuais se sucederam no esforço de explicar e justificar a existência de um Brasil genuinamente brasileiro. Seguindo o viés raciológico clássico, enfatizavam as conseqüências funestas da mistura das ‘raças’. Nesta direção concluíam que a miscigenação conduziria os indivíduos e a sociedade fatalmente à degenerescência total: degenerescência física, moral, intelectual, econômica, política, etc.

Esta perspectiva pessimista quanto aos destinos e ao futuro da sociedade brasileira marcou profundamente os estudos raciológicos do referido período. Esta postura deixou os republicanos brasileiros numa situação um tanto quanto embaraçosa, qual seja: como situar no cenário internacional, num patamar de respeitabilidade e aceitabilidade, uma nova nação se, segundo os critérios biológicos utilizados, os seus habitantes estavam fadados à decadência generalizada? O maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), criador da chamada “Escola Baiana de Antropologia”, forjou uma saída deveras engenhosa para este impasse.

Seguindo os postulados estabelecidos pelos teóricos das ‘raças’, via a miscigenação como um fenômeno definitivo e causa primeira da degeneração da espécie humana. Distanciou-se destes, porém, ao focar a possibilidade de um tipo positivo e mesmo desejável de mistura das ‘raças’. Segundo seu raciocínio, as misturas dos tipos raciais diferentes produziam diferentes gradações degenerativas. Haveria os tipos mais degenerados e os de menor grau de degeneração, como numa escala com pólos extremos opostos. Desta maneira, não haveria resultado uniforme nem homogêneo nas misturas das ‘raças’.

Tendo em vista a pretensa superioridade da dita ‘raça’ branca sobre as demais, caso o elemento branco estivesse presente num processo de caldeamento inter-racial, o predomínio branco era tido como fato considerado natural, portanto fatal e inevitável. Baseado nestas ponderações Nina Rodrigues destacou uma pequena possibilidade de se alcançar uma mistura de ‘raças’ que fosse desejável: juntar o melhor do negro, do índio e do branco na criação de um tipo racial brasileiro puro. Não preciso dizer ter este espécime, no seu fértil imaginário, a tez branca.

---

<sup>2</sup> Ver SEYFERTH, Giralda. As Ciências Sociais no Brasil e a questão racial. IN: SILVA, Jaime da; BIRMAN, Patrícia; WANDERLEY, Regina. (Orgs.). **Cativeiro e liberdade**. Rio de Janeiro: UERJ, 1989 e ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Esta possibilidade, não obstante diminuta, teria maior probabilidade de se realizar através do aumento intencional e programado do elemento branco no contingente da população. Através desta medida, poderia ser acelerado um processo fatal que, se deixado por conta de um ritmo espontâneo e natural, demoraria bem mais.

Nina Rodrigues representa um ascendente importantíssimo na linhagem dos estudos raciológicos no Brasil. Sua influência se estendeu até, pelo menos, o Estado Novo. Seu livro *As Raças Humanas*, de 1893, teve uma segunda edição no ano de 1938, com um prefácio extremamente elogioso escrito por Afrânio Peixoto. Não há neste texto sequer um ensaio de crítica, um esboço de problematização, algum indício de qualquer mínimo questionamento ou mesmo a sugestão de uma pequena nesga de dúvida em algum ponto geral ou tema particular do livro prefaciado. Outro livro de Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, fora publicado no ano de 1932. Os episódios envolvendo a publicação deste livro, registrados em suas páginas iniciais, também são bastante reveladores do acolhimento pela academia das idéias racistas de Nina Rodrigues.

Acolhimento este ora tácito ora explícito. No mais das vezes explícito, embora a historiografia das Ciências Sociais se esforce discretamente por arrumar estas imposturas racistas. As estratégias para estabelecer fontes límpidas para as Ciências Sociais no Brasil são bastante conhecidas e fazem parte de todo e qualquer construção de mitos originários: desconversar sobre alguns temas, atenuar certas expressões, anuançar de maneira mais humanizada e relativizadora aspectos embaraçosos dos autores ainda reverenciados, envidenciar dimensões de segundo ou terceiro planos no pensamento dos autores em questão, amenizar o sentido de conceitos bastante claros, atribuir à época expressões e afirmativas deste ou daquele autor, justificando, desta maneira, aspectos do pensamento e da biografia do autor não admitidos num estudioso da atualidade.

Os que não desejavam melindrar importantes figuras racistas do mandarinato tupiniquim, ou a maioria silenciosa, ordeira e cordeira, também engrossavam o coro dos contentes satisfeitos e... silenciavam. Os que se manifestavam, o faziam efusivamente, como Afrânio Peixoto, rasgando sedas e jogando confetes em racistas. Não é demais lembrar que este período histórico-social é marcado no mundo pelo crescimento do bolchevismo e de seus aprendizes nazi-fascistas Hitler e Mussolini. No Brasil Getúlio Vargas se esforçava energicamente em arremedá-los. Mas, como toda caricatura, tem seus traços trágicos, grosseiros, cômicos, ridículos e patéticos!

O cenário político institucional fora marcado pela chamada ‘política do café com leite’, em que São Paulo e Minas Gerais se alternavam no controle da máquina do Estado. Esta alternância teve fim com o início da chamada ‘era Vargas’ em 1930. O cenário econômico



articulava-se com o político por este ter lastreado o crescimento do industrialismo e garantido a manutenção do quadro social crescentemente assimétrico. Articulava-se também com o social por concentrar um solo extremamente instável para as elites em disputa. Como se isto não bastasse, havia também as demandas bastante intensas do nascente e irrequieto movimento operário. Demandas estas colocadas tanto na pauta de debates da sociedade como também enquanto zonas de atritos para os grupos das elites de plantão no governo central.

O período de elaboração no Brasil das reflexões raciológicas e, em especial, as de Nina Rodrigues, aconteceu em fins do século XIX e início do XX. Este momento é atravessado por importantes acontecimentos para o conjunto da vida social: abolição da escravidão negra e eliminação da monarquia, início da república, estabelecimento da indústria com um crescente processo de urbanização da sociedade, organização do movimento operário simultâneo à terceira onda imigratória<sup>3</sup>. Este último fenômeno trouxe para o Brasil, expressivos contingentes de trabalhadores europeus. Italianos, espanhóis, alemães, entre outros grupos de operários, se estabeleceram, sobretudo no eixo sul-sudeste.

A literatura historiográfica das Ciências Sociais no Brasil estabelece o período entre as décadas de 1930 e 1940 como o de geração no Brasil de um pensamento social autêntico, alheio aos referenciais europeus e estadunidenses. A criação da Universidade de São Paulo em 1934, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo no ano anterior e a publicação da Revista Sociológica<sup>4</sup> em 1940 são tidos enquanto marcos do surgimento no Brasil das Ciências Sociais como um empreendimento original, autóctone. Antes disso, ainda segundo esta literatura, existia apenas a presença marcante e vigorosa de estudiosos individuais considerados na medida de personalidades com notáveis conhecimentos. Para esta literatura historiográfica, os referidos notáveis não poderiam representar a elaboração de um saber original produzido no Brasil porque seriam tributários dos paradigmas europeus e estadunidenses. Seu referencial teórico e

---

<sup>3</sup> Sobre imigração e as ondas imigratórias ver DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, Urbanização e Industrialização**. Rio de Janeiro: MEC, 1964. Sobre desdobramentos culturais e sociais da imigração ver SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990. Sobre aspectos étnicos do encontro dos imigrantes no Brasil dentro da organização do movimento operário ver MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro. 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

<sup>4</sup> Esta revista teve uma reedição comemorativa em fins da década de 1980. Ver CARVALHO, Nanci Valadares de (Coord.). **Leituras Sociológicas**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1987.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

metodológico era tomado de empréstimos a autores estrangeiros e transferidos em sua totalidade para o conhecimento da sociedade brasileira.

Não obstante, desde fins do século XIX e inícios do século XX, é possível encontrar, em impressos produzidos em alguns segmentos do movimento operário no Brasil, a emergência de saberes originais. Este movimento era constituído por diversas expressões: socialistas, católicos, nacionalistas, reformistas, amarelos, sendo os anarquistas a fração mais expressiva deste período. O anarquismo, por sua vez, não era homogêneo, comportando outras diversidades. Havia, grosso modo, individualistas, cristãos, anarcossindicalistas, anarco-comunistas além de um segmento vigoroso denominado *anarquismo sem adjetivos*. Por conta da formação escolar vigente altamente disciplinar, as contribuições desta fração do anarquismo ainda hoje são subestimadas em sua singularidade.

Diversos temas foram analisados, produzidos e socializados através dos jornais, revistas, opúsculos e livros produzidos pelos anarquistas neste período. Além das questões relativas à condição de vida do trabalhador na nascente indústria brasileira, estes impressos apresentavam, em suas colunas, ricos debates em torno, por exemplo, da díade “nacional X estrangeiro”, da situação da mulher operária, da criança proletária, da questão educacional dos trabalhadores entre outros temas. Relacionavam estas e outras questões a uma reflexão sociológica, antropológica, filosófica, política, educacional.

É neste contexto que, ao discutirem sobre assuntos relevantes da sociedade brasileira, abordaram os temas ‘raça’ e ‘racismo’. Este tema em particular marcou o período em que os republicanos, fortemente influenciados pelo positivismo lombrosiano, procuraram legitimar as instituições recém inauguradas. Esta foi uma ocasião para difusão nas diversas camadas sociais, por parte da elite intelectual oficial e oficiosa, de uma intensa xenofobia e de um racismo calçado por uma pretensa ‘ciência’. Preconceitos sociais recebiam desta maneira a sagração da ‘ciência’. O segmento anarquista do movimento operário, refletindo sobre tais questões, repelia veementemente tais preconceitos. Conhecer a riqueza destes saberes é condição para uma percepção mais acurada tanto da sociedade no período como de aspectos particulares dos costumes e instituições sedimentadas ao longo de um processo histórico convulsivo.

\*

Se na academia, no período de maior vigor das teorias raciológicas, a crítica radical ao conceito de ‘raça’ e, por extensão, ao ‘racismo’ demorou consideravelmente a se configurar, apenas o movimento anarquista afirmou taxativamente desde fins do século XIX a inexistência



de ‘raças’. Maria Lacerda de Moura, personagem vigorosa deste período, dedicou uma de suas obras para refletir sobre o positivismo lombrosiano. Tomando como referência as idéias de Miguel Bombarda, psiquiatra carioca radicado em Portugal, elaborou profundas críticas às concepções racistas e misóginas difundidas na sociedade. Bombarda escrevera um livro intitulado *A epilepsia e as pseudo epilepsias* no qual afirmava incisivamente a inferioridade biológica feminina enquanto fator de degenerescência da espécie humana.

Maria Lacerda de Moura toma de empréstimo uma das frases do livro de Bombarda – “a mulher é uma degenerada” – na qual sintetizava seu pensamento, como os valores sociais vigentes em sua época, sobre a mulher e intitula seu livro com as devidas aspas. É contra esta expressão preconceituosa que ela anuncia seu veemente protesto, como registrado na citação abaixo.

#### **Das raças e da sua pureza**

Quanto a ser do interesse das raças e da sua pureza o combater-nos – é outra ingenuidade.

Vejamos o que se póde saber a respeito da tão decantada “pureza das raças”.

As teorias das raças se apoiam no índice cefalico, nas diferentes craneologias, cõr da pele, estatura, cabelos, etc., etc., sem bases justificadas porquanto tudo é falho.

O assunto merece grande expansão: não cabe nos limites de umas paginas. Sintetizaremos. Quero apenas justificar as minhas palavras de protésto á expressão de Bombarda.

“Não ha raças, ha póvos”, prova-o Colajanni. A antropologia é uma “ciencia mal definida e sujeita a toda sorte de erros”, diz Finot.

(...)

Ha provas de que os europeus são descendentes de negros da Africa em tempos imemoriaes. Assim pensam Sergi, Brinton, Verneau, Menton, Albert Gaudry, Pittard, etc.

Sob o ponto de vista fisiologico não ha raças, observam ainda: a vida sexual, a fecundidade, o periodo de gestação – são sempre os mesmos, em toda parte, entre todas as criaturas humanas.

(...)

Impossivel citar tantas observações contra a antropologia das “raças”.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Vejamos, por ultimo, o que nos diz Oliveira Martins em a sua “Antropologia”:  
“Broca achou, entre os craneos da vala comum e os dos cemiterios dos ricos em Paris, diferenças de capacidade mais graves do que em raças antropologicamente bem distantes: inferir-se-á d’ai que em Paris coabitam duas *raças naturaes* – a dos pobres e a dos ricos? Não; são apenas, desgraçadamente, duas raças *sociaes!*” Isso basta para se conhecer a opinião de Oliveira Martins.

Si assim é, não ha tambem raças puras. Gustave Le Bom contesta a existencia das raças puras: “nos póvos civilizados não ha já raças naturaes, apenas raças artificiaes criadas pelas condições historicas!”

E Collajani diz: “a superioridade e a inferioridade das raças depende do momento em que se as observam”.

E, si antropologistas põem por terra a possibilidade ou o mito da raça ariana ou da descendencia ariana dos europeus, toda a teoria das “raças” tomba, é claro: “ces soi-disant Aryens n’ont jamais existé sous forme d’un peuple primitif mais seulement comme une invention des savants de cabinet” (H. Hartmann) ou “l’Aryen á l’état d’unité topique n’a jamais été découvert” (Virchovv); – toda a teoria das raças é, pois, saída dos gabinetes dos sabios teóricos.

Descendencia dos Celtas, dos Gaulezes, dos Germanos, – tudo isso é problematico.

Bem, si não ha “raças” não ha homens votados eternamente á inferioridade – é questão de desenvolvimento, de civilização.<sup>5</sup>

Como dito mais acima, Maria Lacerda de Moura dedicou uma de suas dezesseis publicações, entre livros e opúsculos, ao tema ‘raça’ e ‘racismo’. Em vários de seus artigos escritos na imprensa operária, como nas diversas conferências proferidas em associações de trabalhadores e sociedades herméticas, também abordou esta questão. Vale registrar, a título de aferição de sua importância à época, que seus livros e artigos eram publicados não só no Brasil, mas também em outros em países como Venezuela, Argentina, Chile, México, Espanha, Portugal, França e Itália.

Em um artigo publicado no ano de 1933 ao longo de cinco números do jornal anarquista *A Plebe*, publicado em São Paulo, registrou a criação de uma Legião Negra pelos cívicos paulistas. Durante a guerra constitucionalista de 1932, formaram-se corporações exclusivamente

---

<sup>5</sup> MOURA, Maria Lacerda de. “**A mulher é uma degenerada**”. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, [1ª Ed., 1924], 1932. p. 29-41.



de legionários negros. Maria Lacerda de Moura tomou este acontecimento enquanto objeto de reflexão sobre o racismo das elites de São Paulo.

**A “Legião Negra de S. Paulo”  
(Do livro inédito “A Epopéia Bandeirante” (1932))**

Um dos gestos mais dolorosos do movimento contra-revolucionário de 1932 foi à mobilização – à parte – dos descendentes da raça negra.

Nenhum Estado da unidade brasileira teria tido essa idéia.

Esse gesto é supinamente paulista, porque São Paulo teve a mais rica senzala do Brasil...

Sob todos os aspectos. São Paulo está, para os outros Estados da Federação, como os Estados Unidos da América do Norte estão para as Américas...

São Paulo tem a sua doutrina de Monroe. Não o São Paulo do povo, mas, o São Paulo da “Plutocracia demagógica” – da gente que mora “para cá da porteira do Braz...”

O São Paulo dos Condes e das marechalias dos salões, o São Paulo da Catedral e dos grandes fazendeiros de café, o São Paulo dos choferes de família e dos moços bonitos dos vícios elegantes, esse São Paulo tem os seus preconceitos de cor e de raça, de classes, de tudo. Esse São Paulo é, no Brasil, a Capital dos preconceitos, porque é a sede do Capital...

É incrível que se mobilizassem os negros de São Paulo numa “Legião Negra”, à parte!<sup>6</sup>

E mais adiante ela reforça a idéia expressa acima, apresentando a escravidão enquanto instituição social de implicações processuais e de efeitos relacionais. Tanto sobre o negro como sobre o branco, incidiam os resultados sociais devastadores da escravidão trazida para estas terras pela mão do português colonizador como também pela mão do jesuitismo.

**A “Legião Negra de S. Paulo”  
(Do livro inédito “A Epopéia Bandeirante” (1932))**

---

<sup>6</sup> MOURA, Lacerda de Moura de. **A Plebe. A “Legião Negra de S. Paulo”. (Do livro inédito “A Epopéia Bandeirante” (1932)).** Nº 35 – Nova fase. São Paulo – SP. Página 03. 29.07.1933



II

(...)

O Brasil “começou a ser colonizado por um povo já gafado do germen da decadência”...

Começo a rever Paulo Prado... (Retrato do Brasil).

O português sensual, estragado, ambicioso, carola, perverso para com o índio, trouxe-nos também o africano.

Lá na África, no seu meio, o negro pertence a uma raça com as suas características.

E “não há raças, há povos” (Collajani).

Não há raças inferiores – há costumes, características raciais. Há diferenças culturais.

O negro é tão altivo, nobre, forte quanto o branco, o amarelo ou o vermelho – no seu habitat.

Tirado do meio ambiente, submetido á condição humilhante e dolorosa da escravidão – o negro teve de se adaptar ao meio; aviltou-se, aviltando e corrompendo o senhor e a sociedade onde vivia.

A escravidão escraviza a servos e a amos, sufoca e envenena, rebaixa, e deteriora a tudo e a todos no nível das mesmas baixezas.

“O português da governança e da fradaria” foi o nosso colonizador.

O brasileiro advogado, de hoje, é o mesmo: é filho legítimo, segundo tomo do “português da governança e da fradaria”.

Estamos, mentalmente, em pleno período colonial.

A escravidão e o cristianismo romano, trazidos pelo português colonizador, nos deram a “filosofia da senzala”.

Não foi o sangue do negro que nos aviltou: foi a escravidão.

E a escravidão já foi obra do colonizador e do jesuitismo.<sup>7</sup>

Ainda neste número, Maria Lacerda de Moura introduz uma longa explanação sobre o significado do Quilombo de Palmares na luta dos negros contra a instituição da escravatura. O faz com o intuito de tensionar posicionamentos de negros a favor da criação da Legião Negra na

---

<sup>7</sup> MOURA, Lacerda de Moura de. **A Plebe. A “Legião Negra de S. Paulo”.** (Do livro inédito “A Epopéa Bandeirante” (1932)) II. Nº 36 – Nova fase. São Paulo – SP. Página 02. 05.08.1933



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

luta de São Paulo contra o governo central. Alguns líderes negros evocavam a população negra a aderir à guerra, ingressando na referida legião. Os argumentos destas lideranças buscavam harmonizar os esforços dos quilombolas de Palmares aos de Domingos Jorge Velho, capitão do mato e líder da luta dos escravocratas contra Palmares. O trecho é um pouco longo, mas vale a pena cita-lo.

**A “Legião Negra de S. Paulo”**  
**(Do livro inédito “A Epopéa Bandeirante” (1932))**

**PALMARES**

**IV**

O que não compreendo é como descendentes da raça negra, descendentes de Zumbi e dos altivos e heróicos negros dos quilombos dos Palmares se põem a serviço da plutocracia paulista, prestando-se à farsa da Liberdade.

Na documentação que colhi, destaco do programa especial da “Radio Record”, dedicado à “Legião Negra”, os discursos do sr. Lino Guedes e do Capitão Gastão Goulart.

O sr. Lino Guedes, que não tenho o prazer de conhecer, é um dos **líderes** da “Legião Negra”.

Transcrevo do “**Diário de S. Paulo**” de 22 de setembro, alguns trechos da dissertação do representante intelectual da raça negra:

“Que desejava o governo lusitano arregimentando exércitos contra Palmares? O extermínio da raça negra? Não! O negro foi o braço que eles buscaram na adusta África e foi sempre o seu braço. As duas raças representadas, de um lado, pela figura impressionante de Zumbi e de outro pela bravura de Jorge Velho, não se chocaram numa luta de extermínio; ambas lutaram, uma encarnando o ideal de liberdade, a outra, a força arregimentada para a defesa da propriedade humana”.

Neste trecho estão definidas as duas atitudes!



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Um defendeu a sua liberdade e a de 30.000 heróis. O outro defendia a propriedade humana dos senhores de escravos! E defendia a sua cupidez. E é um representante da raça negra que coloca Zumbi no mesmo paralelo de comparação com Jorge Velho! Entretanto ele acrescenta:

“No seu tempo, Jorge Velho foi apenas um emissário de Portugal a serviço da Lei; Zumbi foi o transgressor audaz e heróico”.

Depois, continua:

“Não pensem, pois, que os pretos do Brasil descendentes dos guerreiros dos Palmares, que jamais confundiram a personalidade de Jorge Velho, irão agora desconhecer-la ou odiá-la. Eles sabem que o São Paulo de hoje foi o Palmares de ontem”.

Mais adiante:

“O homem negro não odeia o branco que o combateu heroicamente nos primórdios da nacionalidade: Admira-o!”

Comparar a epopéia dos negros dos Palmares à revolução de S. Paulo (1932), é por demais forçado e nem sei como os paulistas fidalgos, filhos de Jorge Velho, o suportaram...

Meus, amigos, no momento do perigo...

A diferença entre Jorge Velho e zumbi é a diferença entre a guerra civil de 1932 e os quilombos dos Palmares...

A guerra civil desencadeada pela plutocracia de S. Paulo é a defesa do poder, da propriedade, é o fascismo, é o fazendeiro do café, o “senhor” industrial moderno, é a plutocracia, é a luta de classes, por que São Paulo, representado pelas suas altas associações comerciais e seus bispos e arcebispos e damas e altos funcionários, milionários e fidalgos papais – defende as famílias de linhagem que moram “para cá da porteira do Braz”...

Os Palmares falavam outra língua.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

E renegariam os descendentes degenerados a serviço do “senhor” de escravos brancos – que são os operários construtores do progresso material desta grande terra, os que “moram para lá da porteira do Braz”...

Falo dos negros intelectuais, porque a “Legião Negra” foi enganada pelos negros “cultos”, a serviço da plutocracia episcopal paulista, por sua vez seduzidos pelo ouro das multidões excitadas pela oratória bacharelesca do nosso romantismo político.

O negro “culto”, de hoje, no Brasil, é mais escravo do que os negros dos quilombos dos Palmares...

Gostaria de ouvir protestos dos que se não alistaram nas fileiras da glória torpe de Domingos Jorge Velho, vendendo os seus irmãos.<sup>8</sup>

Isabel Silva<sup>9</sup> também alude ao Quilombo de Palmares e a outras expressões de rebeldias e resistências negras em artigo intitulado *Treze de Maio – A abolição*. Este tema capturou Maria Lacerda de Moura desde sua biografia. Neste artigo, em tom de registro e homenagem aos inúmeros abolicionistas anônimos, ela contextualiza a refrega transgressora na relação de seu pai com seu avô, ambos proprietários de terras. Neste movimento, ela não se furta deixar expresso, em letras insofismáveis, sua visceral repulsa à escravidão e valoração das iniciativas quotidianas e da esfera dos micros poderes quando do arruinamento das instituições escravocratas. Vejamos sua verve inconfundível.

Como brasileira e descendente de algumas gerações de brasileiros, devo ter o sangue do negro e do índio nas minhas veias. Eu me orgulho do sangue de Zumbi e exalto dentro de mim a epopéia da Confederação dos Tamoios.

Eu sinto, no mais profundo do meu ser, a beleza heróica da odisséia do **negro fugido** e olho com orgulho o penacho altivo do índio que preferiu morrer a ser escravo.

---

<sup>8</sup> MOURA, Lacerda de Moura de. **A Plebe. A “Legião Negra de S. Paulo”.** (Do livro inédito “A Epopéia Bandeirante” (1932)) PALMARES. IV. Nº 38 – Nova fase. São Paulo – SP. Página 02 – 26.08.1933.

<sup>9</sup> SILVA, Isabel. *Treze de Maio – A abolição. A Obra.* Ano 01 – Nº 02 – São Paulo – SP – página 03 – 13.05.1920.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Renego o sangue do bandeirante capitão do mato, caçador de ouro e de escravos.  
(1)<sup>10</sup>

Renego o sangue do “moço fidalgo da Casa Real”, um daqueles parasitas covardes que fugiram na comitiva de D. João VI, um dos troncos da família de meu pai.

Renego essa fidalguia de sangue e essa fidalguia de banditismo.

Mas, me orgulho da minha estirpe anônima, de meu pai, abolicionista que morreu na mais completa pobreza, esquecido dos companheiros, João Pinheiro e outros, e que contribuiu para reduzir meu avô à miséria, defendendo o **negro fugido**.

Meu avô era fazendeiro de café em Minas. Tinha centenas de escravos. Meu pai, durante toda a campanha da abolição, dentro da fazenda de meu avô, reunia os escravos no mato, contava-lhes o que se passava e auxiliava-lhes a fuga. Ensinou-lhes a revolta, a greve, pôs na boca de homens e de mulheres uma palavra de protesto e os protegeu na fuga e no trabalho.

Meu avô, durante toda a campanha da abolição tornou-se inimigo de meu pai.

E minha mãe, adorada pelo velho, foi quem o convenceu, aos poucos, de que era justo e humano o gesto de meu pai – de quem ela se orgulhava.

E foi o laço de amor que conseguiu uni-los numa forte amizade durante toda a vida, depois que meu avô caíra na miséria antes mesmo da lei de 88.

É dessa estirpe anônima que eu me orgulho.

É essa fidalguia de sentimentos que me comove até as lágrimas, e a quem presto a mais modesta das homenagens nestas linhas despretensiosas.

E, si esse pensamento me salta da pena, é ainda para exaltar o **negro fugido** ao cativo e lembrar, num símbolo, os nomes de todos aqueles brancos generosos que defenderam o negro do chicote do senhor.

Mas, comparar o **capitão do mato** Domingos Jorge Velho a Zumbi, ao **negro fugido**, à manifestação mais alta da dignidade humana que se revolta, à custa do sacrifício da própria vida, é perder a noção da Liberdade e do Amor ao próximo.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> **Esta nota é da autora:** Pelo lado materno, um dos dois irmãos Ferraz. Essa história da genealogia dos bandeirantes na família de minha mãe me foi contada pelo meu primo sr. Fausto Ferraz, que disse se orgulha. Minha avó materna é Dias Ferraz, descendente muito próxima do bandido bandeirante.

<sup>11</sup> MOURA, Lacerda de Moura de. **A Plebe. A “Legião Negra de S. Paulo”.** (Do livro inédito “A Epopéia Bandeirante” (1932)) PALMARES. IV. Nº 38 – Nova fase. São Paulo – SP. Página 02 – 26.08.1933.



Maria Lacerda de Moura na parte conclusiva deste artigo evidencia o tratamento reservado aos negros da legião pela elite “cívica” de São Paulo: foram denominados na Rádio Record de **“facínoras, mercenários, bandidos que desconhecem as leis de guerra”**<sup>12</sup>. Depois de refletir sobre os desfavoráveis desdobramentos da guerra sobre a população negra, a autora arremata suas ponderações evidenciando o racismo da elite de São Paulo. Os negros de São Paulo se deixaram seduzir pelo palavreado fácil e sofismático dos bacharéis paulistas. Finaliza não sem um sutil sarcasmo com a tão propalada “epopéia bandeirante”.

A **“Legião Negra de S. Paulo”**  
(Do livro inédito **“A Epopéia Bandeirante”** (1932))

**PALMARES**

(CONCLUSÃO)

**V**

(...)

É a história de todos os bandeirantes...

E nós nos orgulhamos dessa ascendência! É a maior prova da nossa degradação.

É esta a origem da fidalguia plutocrata de São Paulo.

Hoje os poetas fazem sonetos cantando o encanto de Pai João no eito do cafezal...

Hoje já há discos românticos endeusando o leite branco da Mamãe preta...

Romantismo. Palavras.

Cuidado, oh últimos rebentos da raça negra!

Uma nova exploração, modernizada, batizada de nomes pomposos, um novo eito está sendo forjado para vós, um novo “tronco” já foi fundido na bigorna da força bruta do fascismo: a plutocracia mundial, o capitalismo, o reinado da exploração do homem pelo homem vai aproveitar-se do vosso sentimentalismo, da vossa ingênua

---

<sup>12</sup> MOURA, Lacerda de Moura de. **A Plebe. A “Legião Negra de S. Paulo”. (Do livro inédito “A Epopéia Bandeirante” (1932)) PALMARES. (CONCLUSÃO). V. Nº 39 – Nova fase. São Paulo – SP. Página 03 – 09.09.1933.**



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

sensibilidade – para armar o vosso braço descuidoso contra o peito do proletariado consciente que reivindica o direito à vida.

Todo esse cantochão de louvores ao negro é para servirem-se dele como instrumento e levá-lo ao açougue das guerras ou das missões policiais mais infames – contra o seu próprio irmão – o operário.

Cuidado com o cântico das sereias de todos os partidos. Negros e operários sereis as vítimas, si não vos unirdes todos contra o inimigo comum.

Lei! Deus! Família! Pudor!...

Cuidado com o prestígio das palavras.

Mentalidade nova?

\_ Epopéia bandeirante!...<sup>13</sup>

A derrocada da escravidão negra se deu antes pelas ações de lutadores anônimos que pela intervenção de notáveis heróis registrados e destacados na historiografia. Esta assertiva colocada por Maria Lacerda de Moura mais acima é compartilhada por outros anarquistas.

**13 DE MAIO**

**Ao escravos modernos**

(...)

Quando nas outras nações a escravidão dos homens de cor havia sido abolida os escravos fustigados pelos maus tratos e pelo instinto da liberdade e seguindo o exemplo dos seus companheiros de infortúnio já libertos acabaram por revoltar-se e, então começou contra eles e contra os defensores da sua causa uma perseguição a ferro e a fogo. Mas a perseguição foi inútil. O movimento havia-se alastrado por todo o país tornando-se invencível. Como corolário, esta campanha havia impressionado favoravelmente o povo e a abolição da odiosa escravatura foi declarada como um fato consumado no dia 13 de Maio de 1888.

Os libertos do Brasil festejam esta data que marcou um termo da sua odisséia e recordam com júbilo os nomes de Isabel, Euzébio de Queiroz, João

---

<sup>13</sup> MOURA, Lacerda de Moura de. **A Plebe. A “Legião Negra de S. Paulo”**. (Do livro inédito “A Epopéia Bandeirante” (1932)) PALMARES. (CONCLUSÃO). V. Nº 39 – Nova fase. São Paulo – SP. Página 03 – 09.09.1933.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Alfredo, Joaquim Nabuco, Antonio Bento, Luís da Gama, José do Patrocínio, etc., esquecendo os heróis anônimos que de armas na mão expuseram e sacrificaram a vida em prol da libertação geral da grande família escrava. Se nada os libertos devem às realezas e aos seus sequazes, que não fizeram outra coisa que aceitar o que já estava ditado pela opinião pública e pela força dos revoltados, entendemos que não se pode deixar de considerar a obra magna dos que batalharam na imprensa e na tribuna pela redenção dos cativos, afrontando a ira e a perseguição dos negreiros. O que também encontramos justo é que se preste à devida consideração à obra dos bravos que souberam erguer o seu braço para esmagar a instituição do escravismo.<sup>14</sup>

O autor enfatiza o sentido equivocado da tão aclamada abolição da escravatura negra. O regime do trabalho assalariado libertou o proprietário senhor de escravos e distendeu a escravidão a negros, vermelhos e amarelos. A disposição racista, hierarquizando a humanidade segundo a idéia de superioridade e inferioridade biológica, fora atualizada na modernidade. Neste sentido, sobre o trabalhador assalariado incide a mesma vibração preconceituosa de cariz racista projetada sobre o negro.

As aspirações que animaram os combatentes pela extinção da escravatura dos homens de cor foram grandes e generosas, mas, em realidade a maldita escravidão das massas proletárias ainda não foi abolida.

Com efeito, os homens de cor continuam a ser considerados como escravos, como bestas.

Hoje se diz entre a gente burguesa quem *escapou de branco é preto* e preto não é gente. O ódio de raça perdura em toda a sua intensidade, voltando-se aos homens de cor o mais profundo desprezo.

E não somente os ex-negreiros, os padres e os funcionários públicos declaram que os homens de cor não têm espírito ou inteligência, mas até pseudocientistas sustentam que a raça negra e a mestiça constituem espécies ou variedades inferiores, incapaz de evoluir.

Neste rol são também compreendidos os indígenas, habitantes dos sertões os quais são vítimas da ferocidade dos negreiros nacionais ou estrangeiros, tipos sem

---

<sup>14</sup> SOARES, Primitivo. 13 DE MAIO. Aos escravos modernos. **Guerra Sociale**. São Paulo – SP – Ano 02 – Nº 18 – página 01 – 20.05.1916.



## Anais V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

entranhas, que com o auxílio dos capangas e das forças massacram essa pobre gente, roubam-lhes as terras e aprisionam (sic) os que ainda ficam com vida condenando-os a trabalhos sem lhes dar alimento algum e fazendo-lhes o pagamento a sabre, ou à bala.

O regime da escravidão continua, mas agora não são somente os homens de cor os que estão sujeitos à canga.

Nos nossos tempos de progresso de cultura e de civilização, de república e democracia, a escravatura abrange a todas as pessoas que não dispõem de um capital que lhe permita explorar os seus semelhantes.

Nas épocas contemporâneas os colonos de todas as raças, cores ou nacionalidades vivem trabalhando para os fazendeiros, recebendo em troca pólvora e chumbo quando reclamam os seus salários.

Os trabalhadores do campo estão constantemente sob a ação do chicote do patrão, sob a boca do revólver do administrador e do bacamarte do capanga.

Desapareceram em realidade os antigos instrumentos de tortura, porém ainda se costuma amarrar os colonos aos troncos das árvores e espanca-los barbaramente.

Em último caso, quando os negreiros querem dar um castigo exemplar aparece a milícia republicana para apaziguar a tiro ou golpes de coronha os ânimos dos que se atrevem a protestar contra o vexame, a extorsão, o abuso e a infâmia.

Nas cidades a situação não é muito melhor. Os patrões exploram do trabalhador a última gota de sangue. Eles e os seus gerentes, feitores, etc. insultam e espancam os homens, mulheres e crianças, de uma maneira desapiedada e revoltante. A remuneração que estes escravos recebem é irrisória, está longe de bastar para a sua subsistência. Por esse motivo o excesso de trabalho e de privações, a promiscuidade em que vivem e as doenças que estes fatores causam entre o proletariado, produzem uma degeneração e uma mortandade que espantam.

O proletariado, o homem do trabalho não é considerado como ser humano.

O faminto ou descamisado *não é gente*, é faminto.

O trabalhador – afirmou-se – não tem as necessidades de higiene e de estética. É um *animal doméstico*.

O homem deserdado da fortuna, que vive do seu trabalho, - acrescentam –, não é um ser social ou sociável *é um bruto* ao qual é preciso aplicar o freio da religião, do civismo, da lei da vigilância policial, e constituir calabouços a fim de encerrá-los



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

quando cometer alguma contravenção ao privilégio e despotismo dos negreiros modernos.<sup>15</sup>

Hélio Mortiço registrou, num rápido artigo escrito em estilo de texto teatral, o sentido das conquistas sociais coletivas da abolição da escravidão negra tendo acontecido sobretudo através da ação direta de lutadores anônimos.

**O 13 de Maio e a Ação Direta**

No dia 13 de Maio um orador desfazia-se em elogios á magnanimidade da princeza que assignou o decreto extinguindo a escravidão dos pretos neste paiz, quando um ouvinte gritou:

\_ “Viva a classe dos cocheiros”!...

\_ “Vivam os caifazes”!...

\_ “Está bêbedo! – vociferaram.

\_ “Peço a palavra”!

Não estou bêbedo, não senhor; os cocheiros e mais alguém como êle é que aboliram a escravidão dos pretos.

\_ -----<sup>16</sup>

\_ Pela acção directa!

\_ ?... Explique-se homem!

\_ As sinhás chegavam á estação acompanhadas das suas mucambas e moleques; emquanto um cocheiro, a distraia no trato do aluguel do carro, outro raptava-lhe os escravos e dava-lhes fuga.

Isto chegou a fazer-seem larga escala em todas as estações ferroviarias mais importantes.

Entretanto, iam-se pondo em pratica outros meios não menos eficazes do que esse, sendo tais actos denominados pela Imprensa de então – ‘roubos de escravos’ e os seus autores “ladrões de escravos” e “Caifazes”.

---

<sup>15</sup> SOARES, Primitivo. 13 DE MAIO. Aos escravos modernos. **Guerra Sociale**. São Paulo – SP – Ano 02 – Nº 18 – página 01 – 20.05.1916.

<sup>16</sup> Palavra ilegível.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

O tal decreto da abolição não fez mais do reconhecer os factos consumados e em via de consumação.

Quando os trabalhadores resolverem começar as expropriações em massa – a Imprensa burguesa chama-lo-á de ladrões, mas a medida que tais sucessos se forem multiplicando, pela lei de evolução isso que hoje se poderá chamar de roubo, será amanhã, – abolição da propriedade privada.

E só quando isso se der, teremos extinguido o cativo dos prêtos e dos brancos.

E terão acabado todas as crises só possíveis nesse regime de latrocínio legal!

Tenho dito”.

E disse bem.<sup>17</sup>

O movimento anarquista registrou para a história um posicionamento coletivo de radical recusa aos postulados racistas difundidos na sociedade através da influência da Antropologia Criminalista de Césare Lombroso<sup>18</sup>. João Crispim, um dos muitos pseudônimos de Primitivo Raymundo Soares, destaca o efeito de manutenção do domínio de segmentos da sociedade que tinha a justificativa da existência da escravatura.

**13 de Maio**

Quatro dias faltam para que os o governo e os fazendeiros, juntamente com a multidão dos homens de cor, comemorem o fausto acontecimento da abolição da escravatura no Brasil.

Os partidários da legislação e da jurisprudência, que afirmam ser uma necessidade o ordenamento social sob o ferrete de uma direção arbitrária, porque o povo é incapaz de ter e de afirmar as suas aspirações de liberdade e de conceber ideais de tendências anarquistas, vêem nesta comemoração um ensinamento hostil a essas afirmações inspiradas por interesses que os apresentam como indivíduos perniciosos à sociedade.

---

<sup>17</sup> MORTIÇO, Helio. O 13 de maio e a ação direta. **A Rebelião**. São Paulo – SP – Ano 01 – Nº 03 – Página 02 – 17.05.1914.

<sup>18</sup> LOMBROSO, César. **O homem delinqüente**. Tradução, atualização de Maristele Bleggi; Oncar Antonio Corbo Garcia. Porto Alegre: Lenz, 2001.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Para encontrar argumentos que satisfizessem o desejo de justificar este princípio e, ainda, a bárbara escravatura, há pouco nominalmente abolida, estudou-se o homem de cor e observou-se e propagou-se que tem muito pronunciados os caracteres de bestialidade, tanto sob o ponto de vista físico como intelectual.

A sua conformação craniana, cuja fronte é, como a do símio, pouco elevada, os pômulos salientes e as mandíbulas formidáveis, o nariz achatado, são caracteres próprios do tipo que vive a vida vegetativa, que não tem outras funções que as da nutrição.

Para justificar a caça e a escravidão dos negros, os cientistas definiam-nos como bestas ferozes, às quais era preciso, não domar, mas amansar.

Os padres diziam que os negros não tinham alma, e, portanto, não era pecado tratá-los como aos outros animais.<sup>19</sup>

Apresentado com o aval de uma pretensa ciência, o racismo lombrosiano ‘explicava’ o quadro social desfavorável às diversas camadas da população. A conclusão a que se chegava era na direção da justificativa da assimetria social. A análise de João Crispim exposta acima apresenta a associação e conjunção de esforços entre governantes, fazendeiros, legisladores, clérigos e cientistas na busca de justificar a existência da escravidão negra. Mais adiante, o autor desnuda da abolição seu sentido favorável à manutenção da exploração.

O sistema ou mais, positivamente o partido republicano, que fazia alarde de ser a vanguarda dos libertadores e favorecer a organização de muitos clubes instituídos para lutar contra o célebre clube da Lavoura e Comércio, formado por grupos de ineptos reacionários, não visava principalmente a liberdade popular.

Para esse partido, como para os clubes libertadores, salvo raras e honradas exceções, a abolição da escravatura era uma questão de economia.

Segundo o Dr. Colhado, o trabalho escravizado era a causa da decadência da lavoura. A extinção do cativo favoreceu à burguesia o meio de atrair os homens de cor para a escravidão do salário, que é, para os agiotas, mais lucrativa, e livra-os de todos os cuidados e responsabilidades, porque é desbordante a multidão de desocupados no mercado do trabalho, os quais se digladiam para conseguirem um salário, com o qual possam enganar o estômago durante alguns dias.

---

<sup>19</sup> CRISMPIM, João. 13 de Maio. **A Rebelião**. Ano 01 – Nº 02 – São Paulo – SP – 09.05.1914.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Eis porque os governantes aderem às festas do dia 13 de Maio.

Conseguiram melhorar a rede da sua exploração, e, por isso têm de que se alegrar.<sup>20</sup>

O fecho do artigo anuncia a manutenção da escravidão em modalidade mais extensa, conclamando a todos os “escravos modernos”, os assalariados, a instauração de um “outro 13 de Maio”.

Mas os escravos modernos é que, tanto no regime monárquico como no republicano, estamos no ponto de partida.

A escravidão é cada vez mais revoltante e, por tanto, a todos os escravos negros, brancos, amarelos ou cobriços, nos toca lutar sem tréguas, para que num outro 13 de Maio ou qualquer outra data, a mais imediata possível, possamos festejar a nossa emancipação integral, depois de termos implantada a livre sociedade do Socialismo Anarquista.<sup>21</sup>

Outro artigo assinado por Primitivo Soares anuncia o imperativo da ação de novos abolicionistas a fim de por termo à escravidão que, na modernidade, continua a existir, enredando a todos.

O homem nem sempre vale pelo que sabe, e muito menos pela hierarquia da posição social que ocupa. O homem vale principalmente pelo seu critério lógico e exato, pela pureza e elevação dos seus sentimentos.

Quanto ao valor social, o que racional e cientificamente tem a primazia é o trabalhador.

Não se pode, pois tolerar por mais tempo o domínio estúpido de uma classe que nos explora, nos degrada e nos escraviza.

É necessário que os escravos modernos, brancos, pretos, ou amarelos se unam e se armem para a conquista da sua completa emancipação.

O bárbaro direito de propriedade escrito nessa papelada suja que está amontoada nas repartições do Estado acaba-se com meia garrafa de querosene e um fósforo. É uma medida higiênica.

---

<sup>20</sup> CRISMPIM, João. 13 de Maio. **A Rebelião**. Ano 01 – Nº 02 – São Paulo – SP – página 01 – 09.05.1914.

<sup>21</sup> CRISMPIM, João. 13 de Maio. **A Rebelião**. Ano 01 – Nº 02 – São Paulo – SP – página 01 – 09.05.1914.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Os foros de autoridade dos nossos enfatuados defensores do Capital e da exploração acabam-se suprimindo a força armada, quebrando as espadas e rompendo os mauseres. Autoridade sem o apoio da força bruta não é autoridade nem é nada, porque ninguém a obedece.

O prestígio e a mentira dos bonzos de todas as religiões que fomentam o fanatismo e a estupidez acabam-se rasejando todas as batinas, e fazendo uma derrocada de todos os altares.

Escravos modernos, trabalhadores, somos os mais úteis, constituímos pelo número e pelo valor a verdadeira humanidade. É chegada a hora de iniciar uma nova cruzada redentora.

Surjam pois os novos campeões, os novos propagandistas da *abolição* – do regime capitalista, do Estado e de todas as iniquidades sociais. Surgiam com fé, esperança e entusiasmo, dispostos a todos os embates da peleja, a todos os sacrifícios. Surjam para acabar com todas as escravizações e inaugurar a sociedade dos produtores livres.<sup>22</sup>

Isabel Silva encerra o seu artigo já referido destacando a ação decisiva de abolicionistas anônimos para o fim da escravidão negra, sem deixar de enfatizar ter sido a escravidão reinventada na aclamada modernidade. Neste sentido ela relaciona os mártires de Chicago com os mártires negros da abolição, evidenciando a atualidade da luta contra a escravidão em sua modalidade do regime de trabalho assalariado.

A nossa geração homenageia a lei Áurea: mas, a grande verdade é que, o feito grandioso da extinção da escravidão no Brasil, foi meramente obra dos revolucionários, para o que concorreu unicamente à ação direta dos interessados.

As pugnas da campanha abolicionista, seguiram os seus cursos morosos, agitados, cheios de revez, desde o ano de 1810; para incrementar-se e tomar vigor em 1871, com a Victoria da lei do ventre livre. Dai caminhou em marcha acelerada, até a apoteose de 1888.

Os escravos sobreviventes continuaram a sua rota pelo mundo. E hoje, a historia se repete:

---

<sup>22</sup> SOARES, Primitivo. 13 DE MAIO. Aos escravos modernos. **Guerra Sociale**. São Paulo – SP – Ano 02 – Nº 18 – página 01 – 20.05.1916.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Não mais a escravidão de uma raça infeliz, mas a escravidão hodierna, de todas as raças, salariadas, se quer abolir.

Como naqueles tempos, os arautos da liberdade sofrem toda a sorte de afrontas, de torturas e de vexames. Mas, como naqueles tempos a onda revolucionaria se avoluma e avança, e a justiça ha de vencer.

Neste Maio, para nós de fulgurantes esperanças, das colunas da nossa “Obra”, para a redenção dos escravos modernos, reinvocamos num preito de gratidão os mártires de Chicago, e saudamos num preito de homenagem os mártires negros do Brasil.

Salve, Maio de grandiosas recordações!

Gloria, gloria, aos mártires da Liberdade!<sup>23</sup>

Primitivo Soares reflete sobre as causas da chamada primeira guerra mundial. Procurando desvendar as diversas raízes que possibilitaram a referida conflagração, o autor focaliza o decisivo papel realizado por doutrinas filosóficas, metafísicas e religiosas. Seu raciocínio relaciona a existência do preconceito racial às idéias religiosas. Este preconceito disseminado na sociedade e transformada em valores sociais ofereceram o terreno subjetivo propício ao referido fenômeno guerreiro.

#### **O objetivo dos deuses e o ideal dos demagogos**

O hodierno fenômeno de perturbação social, de desequilíbrio econômico e suspensão da razão humana, presta-se maravilhosamente ao estudo das causas que o determinam.

O indescritível e compungente espetáculo de destruição pavorosa da vida humana não deve fazer-nos chorar como crianças. As lamentações, as lágrimas, nada remediam por si mesmas, nada resolvem ou produzem, a não ser a exaltação religiosa com as suas peculiares nostalgias e alucinações. Conhecendo-se a origem e o desenvolvimento dos sentimentos e das idéias, a marcha das sociedades, baseadas nas mais irritantes desigualdades, nem outra coisa se podia esperar.

O sentimentalismo religioso fruto da organização fisiológica rudimentária, conseqüência da debilidade física e intelectual, visa incutir na mente dos homens a crença de que existe dentro ou fora da Natureza alguma coisa superior a ele, um ser

---

<sup>23</sup> SILVA, Isabel. Treze de Maio – A abolição. **A Obra**. Ano 01 – Nº 02 – São Paulo – SP – página 03 – 13.05.1920.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

supremo, uma inteligência universal, e determinar sua conduta sob uma forma negativa.

Os seres superiores, divinos, governam o homem e têm o privilégio de fazer dele um verdadeiro brinquedo, conferindo-lhe caprichosamente direitos e impondo-lhe despoticamente deveres e castigos.

A razão de ser do prêmio e do castigo afirma-se na existência do livre arbítrio e da responsabilidade.

As condições econômicas ou sociais são determinadas pelos deuses os quais realizam uma distribuição *equitativa* segundo o mérito, dando a uns o supérfluo da riqueza a outros o supérfluo da miséria, para que estes trabalhem ao serviço dos que nadam na abundância. Se o indivíduo possui grandes propriedades e posições sociais privilegiadas é porque Deus lhe fez delas presente, pela linda cara que o torna simpático ao Padre Eterno. Este é o princípio em que se assentam as monarquias de direito divino, absoluto.

Se o indivíduo se encontra numa situação premente é porque é mau e não merece a graça divina. Daí provém o qualificativo de vilões, que sempre se aplicou aos escravos, aos plebeus. Quando um indivíduo ou uma coletividade é vítima de alguma desgraça, esta representa o castigo pelas faltas cometidas. Nisto estão de perfeito acordo todas as doutrinas e filosofias religiosas, metafísicas, inclusive o cristianismo, o espiritismo e o espiritualismo.

Estas duas últimas doutrinas afirmam com toda a retumbância que os homens que padecem enfermidades, privações e castigos é porque cometeram faltas graves que agora estão expiando, e, portanto, é muito justo é muito bem feito.

Não somente a inferioridade de condições significa a maldade do indivíduo: os defeitos físicos ou a pouca beleza dos que chegam ao completo ou exagerado desenvolvimento muscular são considerados como criminosos pelos deístas.

Homem feio, homem mau.

O indivíduo bom deve ser necessariamente formoso, pois que a formosura é a graça de Deus. A sua catadura é causa suficiente para se aplicar ao homem feio as mais severas penas.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> SOARES, Primitivo. O objetivo dos deuses e o ideal dos demagogos. **A Vida**. Ano 01 – Nº 01 – Rio de Janeiro – RJ – página 03 – 30.11.1914,



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

Primitivo Soares, em continuação ao pensamento acima apresentado, faz a crítica da Antropologia Criminal de Lombroso e Ferri, vendo nesta a disposição de defesa da sociedade burguesa. O autor evidencia que a Anatomia e a Antropologia desmentem os postulados lombrosianos.

A escola positivista italiana, com Lombroso e Ferri à vanguarda, afirma a existência do criminoso nato. O indivíduo herda de seus pais a degeneração física, os seus vícios e a tendência para o crime, se os pais foram degenerados, viciosos e delinquentes.

Certa conformação craniana, pronúncia dos pômulos, mandíbulas proeminentes, rosto, em fim, pouco simpático são indícios de delinquência.

Na teimosia de sustentar estas afirmações chega-se a criar uma teoria especiosa, segundo a qual os criminosos, os homens feios não são descendentes de Adão nem do macaco, são descendentes de animais ferozes e felinos.

Para que os anarquistas aparecessem ante o vulgo como criminosos foram descritos com fisionomia espantosa e aspecto furibundo.

Esta doutrina está em concordância com as anteriores. Como elas, estabelece que o homem bom, sociável, deve ser por excelência belo. E como a beleza se adquire pelo repouso e pelo bem estar que dependem de condições econômicas favoráveis, as quais burilam a carinha dos proprietários, enquanto a miséria, o excesso de trabalho, deformam o organismo dos trabalhadores, chegamos à conclusão de que os ricos são bons, transpiram amor por todos os povos ao passo que os proletários são perversos e ferozes, delinquentes natos, contra os quais é necessário precaver-se, contendo com os sistemas jurídicos de coação e punição, com as instituições armadas, que mantêm a ordem social, com a força bruta, as suas transgressões.

A anatomia e a antropologia vêm felizmente destruir a sabedoria dos deuses e dos deístas e por em quarentena a escola lombrosiana. Estas ciências ensinam que os indivíduos normais, são os que apresentam mais pronunciados os caracteres nos quais os inspirados pelas divindades e os criminalistas do positivismo italiano descobrem os delinquentes.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> SOARES, Primitivo. O objetivo dos deuses e o ideal dos demagogos. **A Vida**. Ano 01 – Nº 01 – Rio de Janeiro – RJ – página 03 – 30.11.1914,



Depois de agregar em sua análise o papel desempenhado pelo positivismo comteano, pela filosofia de Nietzsche, pelo pensamento político social de Marx entre outros, Primitivo Soares encerra o artigo conclamando todos os estudiosos e interessados pela questão social à adoção de uma disposição iconoclasta no estudo das idéias.

A análise destes fenômenos resume-se na seguinte verdade: que todas as filosofias, doutrinas ou dogmas que não tenham por princípio a mediata revolução intelectual dos povos, e o aceleração da revolução econômica e social, no sentido da mais perfeita igualdade e da mais estrita justiça, carecem de valor e não merecem a menor atenção, salvo se for a fim de conhecê-las para melhor destruí-las.<sup>26</sup>

Dario Velloso registra o momento histórico em que escrevia seu artigo como o de intensa difusão dos “preconceitos de raça” pela América do Sul. Afirma a existência simultânea de uma outra tendência visceralmente oposta a este processo de propagação do racismo.

#### **Guerra e paz**

Ante o ideal fraterno baqueiam os preconceitos de raça;

Assim se expressou, com verdade, bello companheiro do além-Atlântico:

“O odio de raças e civilizações se pôde hoje escudar-se em preconceitos da vaidade humana, a mesma que durante seculos acalentou o erro antropocentrico, a mesma que se recusa á theoria Darwiniana já bem reconfirmada.”

E disse ainda:

“Se insistirmos na scisão de raças, castas, categorias, familias e individuos, sobre o preconceito artificial de cores, nacionalidades, genealogia ou aptidões, mais distincto será desafivelar a mascara da fraternidade que nos tem servido a satisfazer tantos interesses mesquinhos, a praticar tantas atrocidades.”

“E’ no interesse do proprio homem que taes distincções devem desaparecer. Um Esquimó, um hotentote ou um Chinez não são menos homens do que Herbert Spencer ou Victor Hugo. Nos mais remotos avoengos das individualidades superiores encontra-se o homem das cavernas, como nos futuros descendentes dos

---

<sup>26</sup> SOARES, Primitivo. O objetivo dos deuses e o ideal dos demagogos. **A Vida**. Ano 01 – Nº 01 – Rio de Janeiro – RJ – página 03 – 30.11.1914,



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

actualmente chamados typos inferiores virão a encontrar-se talentos privilegiados que terão de pôr, quiçá, no escuro a memoria dos actuaes Pasteur, Lombroso e outros grandes homens.”

“Tudo está na evolução. Servil-a, auxilial-a é dever dos que vão adeantados.”

Olhado calmamente, dos belvederes da sciencia sem dogmatismos ou ao serviço dos estadistas, o preconceito de raças, indigno do Brazil, incompativel com a mentalidade latina, apenas ficará assignalando, atravez da civilização, ephemeros acampamentos de Barbaros, rumo do Progresso.

Não fosse o reflexo do theologismo, e a sociedade contemporanea andaria divorciada, de ha muito, a fátuas estultices que retardam o enlace harmônico dos povos.

Infelizmente, porém, o imperialismo alastra, em imitações pérfidas; e, não só o villão preconceito de raças emerge em terra brasileira, mas, ainda, suggestionam a inconsciencia popular com os ouropeis de mentida hegemônica, a provocar o desequilíbrio sul-americano.<sup>27</sup>

Pinho de Riga, um dos pseudônimos de Adelino Tavares de Pinho, inicia um artigo afirmando taxativamente a reelaboração da escravidão com o episódio da abolição.

#### **Escravidão moderna**

Aboliu-se a escravidão africana, mas a escravidão nem por isso desapareceu. Deixou-se de importar negros da Africa, mas importa-se brancos da Europa e amarelos da Asia: variou-se de côr, não de sistema. E se alguém lucrou com a evolução da escravatura, foram precisamente os negreiros, os fazendeiros, os industriaes, não propriamente os escravizados.<sup>28</sup>

A abolição da escravidão negra, da maneira como se configurou na república brasileira, libertou, na verdade, o senhor proprietário e não o negro.

---

<sup>27</sup> VELLOSO, Dario. Guerra e paz. **A Obra**. Ano 01 – Nº 07 – São Paulo – SP – Página 07 – 23.06.1920.

<sup>28</sup> RIGA, Pinho de. Escravidão moderna. **A Rebelião**. Ano 01 – Nº 03 – São Paulo – SP – página 02 – 17.05.1914.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

O escravo constituia um valor, uma propriedade na mão de quem o possuía, e por esse motivo havia o cuidado de não o matar de fome, dava-se-lhe milho com fartura. Imagine-se um carroceiro que possui dois animais que lhe puxam a carroça e que representam todo o seu capital ---- matar á mingua de alimentação e os deixar ficar --  
----- rebotar de trabalhar -----<sup>29</sup> como o proprio, pois terá que adquirir outro e sofrerá prejuizo com a transacção.

Assim também o antigo escravo. Representava capital e quando não convinha, vendia-se a outro, passava-se para diante como um animal que não satisfaz.

Os modernos escravos não teem semelhantes vantagens, nem os modernos exploradores precisam de taes atenções. O operario pode rebotar de frio, de fome, de acidente do trabalho; morrer envenenado pela falta de ar na oficina, ou sobrecarregado de trabalho e insuficiencia de alimento. Tanto peor para ele! Para cada um que sucumbe aparecem centenas que se oferecem em identicas condições, prontos a recommear a tarefa, a gastar cerebro e musculos a favor duma obra que só a outros favorece.<sup>30</sup>

O trabalhador assalariado substituiu o escravo, mas não usufruiu da tão propalada liberdade. A dependência econômica remodelou a antiga escravatura negra, tomando a forma do salariado.

E fala-se de liberdade! Mas o operario, o paria, o pobre só tem a liberdade de morrer de fome. Porque é essa a sorte que lhes está destinada desde que se não sujeitam ás leis de bronze que regem o trabalho.

É que enquanto cada individuo não fôr economicamente independente, isto é, enquanto hajam individuos cujo estomago não esteja saciado e precisem de sujeitar-se ás imposições dum patrão, dum capataz, dum mestre, a liberdade é um mito, uma burla. Libertem primeiro os estômagos e só depois haverá liberdade. O contrario disso é pura endrômina.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Palavras ilegíveis.

<sup>30</sup> RIGA, Pinho de. Escravidão moderna. **A Rebelião**. Ano 01 – Nº 03 – São Paulo – SP – página 02 – 17.05.1914.

<sup>31</sup> RIGA, Pinho de. Escravidão moderna. **A Rebelião**. Ano 01 – Nº 03 – São Paulo – SP – página 02 – 17.05.1914.



Finalizando esta exposição um tanto alongada, mas necessária, destaco o vigor das idéias e amplitão de alcance da crítica ao racismo apresentado num artigo publicado no ano de 1920 e assinado com as iniciais L. L.. Neste artigo o autor relaciona o “prejuízo de raça”, como intitula seu escrito, ao antropocentrismo e este ao cristianismo.

### O prejuízo de raça

Tem-se dito muitas vezes que as verdades naturaes não são susceptíveis de demonstrações tão rigorosas como as verdades mathematicas. Porém, quando se vê as mais ousadas hypotheses servirem ao progresso da sciencia e receberem a confirmação desses proprios progressos, essas hypotheses não adquirirão por isso um gráu absoluto de certeza? De ora avante é possível traçar um quadro de conjunto da evolução da vida.

Os fundadores da doutrina evolucionista tiveram que agüentar muitos ataques, e ainda actualmente, em muitos meios cultivados, fica mal a quem se disser evolucionista. E’ porque, mostrando o encadeamento das especies, o transformismo designou ao homem qual o seu verdadeiro logar na natureza. Ora, a superioridade do homem sobre o resto do universo, criada unicamente para seu uso, era artigo de fé que ninguém podia tocar, sem acarretar sobre si o despeito e a indignação do clero, e mesmo das massas populares, preparadas por uma longa herança. As provas da verdade da theoria evolucionista são agora de tal modo convincentes que já se não pode duvidar. Forçoso foi abandonar esse ponto de vista antropocentrico, resto das barbaras crenças da Idade Media. O homem não é o rei da criação, nem foi “criado á imagem de Deus”, e os direitos que tem sobre os outros animaes apenas são os que lhe confere a sua maior força. Quando se pensa em todas as atrocidades commetidas diariamente contra os nossos irmãos inferiores, em nome da chamada superioridade humana, deseja-se que uma noção mais justa da realidade das coisas penetre nas massas.

Dissemos “irmãos inferiores”, e esta expressão trahi o nosso pensamento. Na verdade não ha, nem animais superiores nem inferiores. Cada especie animal ou vegetal está adaptada a condições particulares de vida e é mais perfeita do que qualquer outra pelas condições que lhe são dadas. O amplo desenvolvimento intellectual não é mais do que um caso particular desse phenomeno geral.



## Anais V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

O homem adaptou-se á vida cerebral, como outros animaes se transformaram para a carreira, para o vôo, para a natação, etc. Não se póde affirmar que este seja, em todas as suas partes, o mais evolucionado dos mammiferos actuaes; porque muitos pontos da sua organização, sobretudo a dos seus membros, ligam-no directamente aos mais primitivos répteis e bacrachios.

Se encararmos um outro ponto de vista, nós veremos que se não deve crer que o evolucionismo e a concepção monista do universo, sejam nocivos a toda a moral. Penso que, pelo contrario, o christianismo, exaltando a “dignidade humana”, isto é, o orgulho, e deixando de ensinar aos seus adeptos a piedade para com o resto do mundo orgânico, commetteu uma pesadissima falta. A crueldade nativa do homem, depois de se ter exercido sobre os animaes entrega-se livremente á luta dentro da propria humanidade. O falso principio da dignidade humana teve por corollario a crença na superioridade de certas raças sobre outras e na legitimidade da perseguição destas pelas primeiras. E’ em nome dessa crença que os povos, que se dizem civilisados saqueiam e massacram as raças menos cultivadas, as quaes em todas as épocas, tanto na Europa, como nas colônias, tiveram conversões forçadas e acompanhadas muitas vezes de perseguições violentas. O antisemitismo, essa paixão indigna de um paiz civilizado, é ainda uma consequencia desta crença na desigualdade das raças humanas. A moral evolucionista, a da humanidade futura, evitará, certamente, estes escolhos. Ella não exaltará no homem um falso sentimento da sua dignidade, mas mostrar-lhe-á que o seu unico motivo de orgulho não é, nem a raça, nem a gloria militar, nem a riqueza, mas sim o conhecimento mais completo da Natureza.

Fica-se confundido quando se vê até que ponto a idéa da superioridade essencial do homem foi nefasta ao progresso dos conhecimentos. Durante toda a Idade Media, até á aurora da época contemporanea, o homem, unico, parecia esr um assumpto digno de estudo; todos os outros animaes não passavam de “bruttos”, felizes quando os consideravam automatoss!

Perderam-se mais de quinze seculos em vãs controvérsias sobre a alma humana e as suas faculdades, ao passo que o corpo apenas era um “frangalho”.

Este modo de ver, transmittido por uma longa hereditariedade á massa popular, reina ainda hoje até nas classes mais cultivadas. Um psychologo de salão, que sabe jogar phrases, um literatosinho subtil, um poeta, um artista, são sempre melhor vistos e recebidos do que um homem de sciencia. O grande publico está ainda indifferente



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

com a historia natural; não comprehende as intensas alegrias que lhe dá esta sciencia, nem conhece as maravilhas occultas que um pouco pacientemente póde descobrir na organização e nos costumes das plantas e dos animaes. Só quando estiver bem convencido do verdadeiro logar que o homem occupa na natureza, é que elle se interessará realmente pelos estudos biológicos.

Demais, que quadro grandioso não é o deste encadeamento das esepcies orgânicas, destas transformações e adaptações successivas da materia viva? Não será este um espectáculo mais poético do que as fabulas infantis das antigas cosmogonias?<sup>32</sup>

\*

O comportamento racista fora execrado por vários anarquistas quando problematizavam a biologização das relações sociais por pretensos cientistas. Em outros escritos arrolados nas referências abaixo, encontramos vigorosas críticas e recusas à idéia de ‘raça’ como ao correlato comportamento racista. Os ditos cientistas racistas antes expressavam valores, sentimentos e pensamentos de expressivos segmentos sociais. Tanto nas camadas dirigentes como nas demais haviam preconceitos entre os quais os de ‘raça’. Tanto assim que os autores destacam a convergência dos esforços de governantes, legisladores, padres, policiais e da magistratura na conservação e reprodução do quadro social vigente em sua época.

A abolição da escravidão negra comumente apresentada no início do período republicano enquanto dádivas generosas de personalidades ilustres, como a Princesa Izabel, é abordada, sobretudo, como conquistas de heróis anônimos. Esta perspectiva valoriza a ação direta dos mais interessados como trata de ajustar o dinamismo social como fruto de processos sociais e coletivos. Neste sentido os artigos, neste quesito, fazem o elogio da ação direta e apresentam governos e partidos como uns dos personagens principais na existência da escravidão negra como na escravidão moderna.

O racismo, na apreciação de um dos articulistas apresentados, constitui um desdobramento do preconceito de espécie. Ao predomínio da espécie humana sobre as demais, corresponde a idéia da justeza do predomínio de algum grupo humano sobre os demais.

Tornando ainda mais complexo o quadro, o autor aponta para as proveniências cristãs do racismo. Isto porque o sentido de centralidade na sociabilidade humana reside nos mitos de origem do cristianismo. O ser humano aparece, segundo este mito, como o centro da criação

---

<sup>32</sup> L. L. O prejuízo de raça. **A Obra**. Ano 01 – Nº 03 – São Paulo – SP – Página 04 – a 20.05.1920



divina, devendo, por conta disto, exercer o domínio sobre o conjunto das espécies animais e vegetais. O autor ao criticar o “prejuízo de raça” o liga intimamente ao antropocentrismo como este está ligado à idéia cristã de “povo eleito”. A obsessão por genealogia como prova material de uma pretensa origem alta estirpe, caracteriza a ênfase na biologia quando se trata de manutenção e reprodução do “sangue”.

‘Raça’ e ‘racismo’, em suas análises, surgem como conceitos e atitudes intimamente relacionados. Afirmar a existência de ‘raças’ configura de imediato uma postura racista. Parece-me que na contemporaneidade está disseminada uma condenação incisiva do racismo com a concomitante posição ambígua de afirmação da existência de ‘raças’. Esta disposição pela ambigüidade se apresenta mesmo quando da negação expressa da idéia de ‘raça’ com a manutenção da noção de ‘mistura’ ou ‘miscigenação’. Isto porque referir-se à ‘mistura’ ou ‘miscigenação’ reinstala sub-repticiamente a noção de ‘raça’ uma vez que só podem ser misturados elementos originais ou puros.

Para finalizar, gostaria de registrar a crítica virulenta feita por Lima Barreto à idéia de ‘raça’ e ao ‘racismo’. Lima Barreto, autor de expressão anarquista, abordou este tema com bastante lucidez em várias crônicas, contos, romances e outros escritos. Não destaquei alguns por conta de ser um autor cujas obras são conhecidas do público em geral. Apesar deste conhecimento, a constituição anarquista de seu pensamento não é destacada. Por isso aqui reforço este registro.

Lima Barreto apesar de não se enquadrar nos moldes convencionais de militante sindical ou revolucionário, instaurou em sua vida um dinamismo essencialmente anárquico. A ausência da militância convencional em Lima Barreto aponta isto sim para uma cegueira teórica de quem o acusa com esta incompletude. Isto porque ele tinha profundas reservas ao sindicalismo, em qualquer vertente, como também a partidos e agremiações políticas, revolucionárias ou não.

A biblioteca limaneana continha muitos pensadores, dos quais Tolstoi, Kropotkin, Bakunin e Proudhon se destacam. Estes são considerados, juntamente a Max Stirner, os clássicos do anarquismo. Não que ele tivesse uma disposição de afiliação a estes autores, mas que ele mesmo registra a importância destes autores na constituição de seu pensamento.



## REFERÊNCIAS

A PLEBE. [1917-1949] São Paulo – SP.

A REBELIÃO [1914] São Paulo – SP.

A OBRA [1920] São Paulo – SP.

A VIDA [1914-1915] Rio de Janeiro – RJ.

BAKUNIN, Mikhail. **Socialismo Libertário**. Tradução de Olinto Beckerman. São Paulo: Global, 1979.

\_\_\_\_\_. **Bakunin por Bakunin (Cartas)**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. Brasília, DF: Novos Tempos, 1987.

\_\_\_\_\_. **Federalismo, Socialismo e Antiteologismo**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **Escrito Contra Marx: conflitos na Internacional**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. Brasília, DF: Novos Tempos, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Princípio do Estado - Três Conferências Feitas aos Operários do Vale de Saint-Imier**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. Brasília, DF: Novos Tempos, 1989.

CARVALHO, Florentino de. **Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social**. Porto Alegre: Renascença, 1927.

\_\_\_\_\_. **A Guerra Civil de 1932 em São Paulo: solução imediata dos grandes problemas sociais**. São Paulo: Ariel, 1932.

CARVALHO, Nanci Valadares de (Coord.). **Leituras Sociológicas**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1987.



DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, Urbanização e Industrialização**. Rio de Janeiro: MEC, 1964.

KNIESTEDT, Friedrich. **Memórias de um imigrante anarquista**. Tradução René E. Gertz. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1989. (Coleção Imigração Alemã).

KROPOTKIN, Piotr. **Ética: origin y evolución de la moral (parte primera)**. Tradução directa del ruso pó Nicolas Tasin. Buenos Aires, Argentina: Argonauta, 1925.

\_\_\_\_\_. **O Anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia, seu ideal, seus princípios econômicos**. Tradução de Hendioser. Salvador: Progresso, 1954.

\_\_\_\_\_. **A conquista do pão**. Tradução de Manuel Ribeiro. 3. ed. Lisboa, Portugal: Guimarães, 1975. (Biblioteca sociológica).

LIMA BARRETO, Afonso Hinriques de. 1881-1922. **Clara dos anjos**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

\_\_\_\_\_. 1881-1922. **Toda Crônica: Lima Barreto. Volume I (1890-1919)**. Apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

\_\_\_\_\_. 1881-1922. **Toda Crônica: Lima Barreto. Volume II (1919-1922)**. Apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro. 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MELLA, Ricardo. **Primeiro de maio, dia de luto e luta – A tragédia de Chicago**. Tradução Sérgio Luiz M. Mesquita; Ione Moura Moreira. Rio de Janeiro: SINDSPREV/RJ, IDSCOPE, ACHIAMÉ, 2005.

MICELI, Sérgio (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, IDESP, 1989. v. 1.



\_\_\_\_\_. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1995. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MOURA, Maria Lacerda de. “**A mulher é uma degenerada**”. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, [1ª Ed., 1924], 1932.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho, pensamento social de um anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

\_\_\_\_\_. **Indisciplina**: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil. Tese de doutoramento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PASSETTI, Edson; RESENDE, Paulo-Edgar (Org.). **Proudhon**. Tradução Célia Gambini, Eunice Ornelas Setti. São Paulo: Ática, 1986.

PROUDHON, P-J. **A Nova Sociedade**. Porto, Portugal: Rés, [197-].

\_\_\_\_\_. **La Capacidad Política de la Clase Obrera**. Buenos Aires, Argentina: Proyección, [197-].

\_\_\_\_\_. **O que é a Propriedade?** Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria**. Tradução J. C. Morel. São Paulo: Ícone, 2003. t.1.



SEYFERTH, Giralda. As Ciências Sociais no Brasil e a questão racial. IN: SILVA, Jaime da; BIRMAN, Patrícia; WANDERLEY, Regina. (Orgs.). **Cativeiro e liberdade**. Rio de Janeiro: UERJ, 1989.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

STIRNER, Max. **Stirner**: Textos Dispersos. Seleção e apresentação J. Bragança de Miranda. Lisboa, Portugal: Via, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Falso Princípio de Nossa Educação**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

\_\_\_\_\_. Algumas Observações Provisórias a Respeito do Estado Fundado no Amor. Tradução de José Bragança de Miranda. **VERVE** – Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São Paulo, n. 1, maio 2002.

\_\_\_\_\_. Os Mistérios de Paris. Tradução de José Bragança de Miranda. **VERVE** – Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São Paulo, n. 3, abril 2003.

\_\_\_\_\_. Arte e Religião. Tradução de José Bragança de Miranda. **VERVE** – Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São Paulo, n. 4, out. 2003.

\_\_\_\_\_. **O Único e a sua Propriedade**. Tradução de João Barrento. Lisboa, Portugal: Antígona, 2004.